

CLAUDIO DE OLIVEIRA RIBEIRO
ALESSANDRO RODRIGUES ROCHA
[Orgs.]



ECUMENISMO E REFORMA



incluindo pentecostais. A diversidade de gênero é notável: metade são mulheres, o que pode oferecer uma peculiaridade à obra, pois em geral coletâneas, quando apresentam a contribuição de mulheres, oferecem duas ou três participações restritas. Outros elementos fortes da diversidade dos/as autores são: o lugar de interlocução e incidência deles/as (universidades, espaços eclesiais, pastorais populares, organizações ecumênicas etc.) e o fato de reunir pessoas renomadas e de longa experiência no campo das publicações com alguns jovens que têm tido destaque no debate ecumênico.

A proposta do livro teve vários motivos. O principal deles é o conjunto de atividades em curso em função dos 500 anos da Reforma em 2017. Diferentes universidades, grupos eclesiais, institucionais e de base, organizações ecumênicas têm dedicado esforços de análise e de reflexão sobre o sentido ecumênico da Reforma. O Papa Francisco tem-se destacado nessas iniciativas e inspirado vários encontros. O segundo motivo da proposição da obra foi certa aceitação e boa circulação de dois outros livros que organizamos e contribuímos com capítulos, publicados pela Editora Reflexão em 2016, que tratam de temas afins. Trata-se de *Os Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco e *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. O terceiro é o fato da questão ecumênica ter ganho destaque no cenário teológico e pastoral atual, com eventos como a Campanha Ecumênica da Fraternidade (2016), pronunciamentos do Papa Francisco, maior visibilidade das atividades do Conselho Mundial de Igrejas, o Congresso da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) com o tema da Reforma, e outros de importância similar.

A obra trata dos principais temas teológicos e questões pastorais emergentes, decorrentes dos princípios fundamentais da Reforma. Analisa os principais postulados da herança teológica da Reforma, priorizando apresentar cada um deles sob dois enfoques em diálogo: um católico-romano e outro protestante. Entre tais postulados estão: a salvação pela graça, a centralidade da Bíblia na vida da Igreja, o sacerdócio universal de todos

os crentes relacionado ao protagonismo dos leigos e a noção da reforma permanente da Igreja.

O livro também propõe uma recepção ecumênica de teologias, sempre abordadas por um viés católico-romano e um protestante, em geral vistas de forma transversa, ou seja, um ponto de vista católico sobre uma teologia protestante e vice-versa. Nesse sentido, a obra oferece um painel variado e consistente de diversas perspectivas teológicas, como: a recepção da teologia protestante de Jürgen Moltmann no contexto católico, a recepção da teologia católica de Karl Rahner no contexto protestante, a teologia protestante de Milton Schwantes no contexto católico latino-americano, a teologia católica de José Comblin no contexto protestante latino-americano, o diálogo católico-luterano visto por um teólogo católico e por um teólogo protestante, o que o líder metodista John Wesley teria a dizer aos católicos hoje e o que o Papa João XXIII teria a dizer aos evangélicos brasileiros hoje.

Além desses conteúdos, o livro também apresenta reflexões sobre situações contextuais e emergentes da Reforma, como as que advêm do contexto do movimento ecumênico e do pentecostalismo, dos processos de inculturação e de contestação social, do quadro de pluralismo religioso, das questões em torno da comunicação e da mídia, e aspectos da espiritualidade, entre outras.

Esperamos que a obra seja uma contribuição efetiva para diferentes grupos, eclesiais e acadêmicos, e possa marcar com graça e eficácia as oportunidades celebrativas e de reflexão em torno dos 500 anos da Reforma.

Os organizadores

MISTERIOSA, MARAVILHOSA E SURPREENDENTE GRAÇA: PONTO DE VISTA DE UM PROTESTANTE

Edson Fernando de Almeida*

Graça, o fundo da teologia cristã

Como dizer a experiência do amor? Como explicar o incondicional da fé que nos possui? Como descrever a *graça* que nos torna filhos e filhas de Deus? Só um ser pretensioso e afogado em *hybris* poderia achar que houvesse palavras próprias ou mesmo emprestadas capazes de dizer o mistério de que Deus nos ama porque nos ama, apenas isso.

Mas é preciso dizê-lo. Paulo o fez, na controvérsia judaica, pela via negativa da noção de justificação por meio da fé. Agostinho também o fez, tomando emprestada a noção paulina de justificação, na luta contra Pelágio. Lutero, na busca angustiada pela face misericordiosa de Deus, viu as portas da graça serem escancaradas diante de si, quando a dobradiça da mesma noção paulino-agostiniana abriu-lhe as portas do paraíso, na chamada experiência da torre.

Em termos angustiados do nosso tempo, é preciso dizer a *graça* sob o signo da necessidade de humanização da vida, da urgência em acordar para a catástrofe socioambiental que silenciosamente se impõe sobre o planeta, da busca de um lugar aberto, para além do aperto opressivo e sacrificial de Mamom que continua sacrificando pessoas, povos e culturas.

* *Edson Fernando* é pastor presbiteriano e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Mas como tais teologias trarão o signo da graça? Se à teologia evangélica – no sentido que o teólogo protestante Karl Barth deu a ela: não confessional, católica, ecumênica, em continuidade e unicidade com a memória de Jesus – compete tornar o Deus manifesto do Evangelho, então há que ser sempre teologia da graça, do mistério que desborda para além da lógica das contrapartidas humanas, provocando-as, inflamando-as, constringendo-as no amor (BARTH, 1996).

É como o “princípio protestante” pensado por outro teólogo protestante, Paul Tillich. Este princípio, o julgamento profético contra a *hybris* religiosa, a autossuficiência secular e suas consequências destrutivas é, no limite, uma forma de dizer negativamente a graça, pela sustentação da ideia de que nada pode usurpar o lugar daquele que não impõe condições para desvelar-se.

Toda teologia que se queira cristã há que oxigenar-se no transfundo da graça, há que ser sempre e sobretudo teologia da graça. Quando canaliza o grito das demandas fundamentais humanas, no diapasão mais fundamental do circuito necessidade–satisfação, lá estará ela, acenando para um espaço aberto de gratuidade para além das necessidades... Na necessidade do pão, o mistério do Pai; na necessidade da carne, o infinito do Amor; na necessidade do outro, o Totalmente Outro.

A graça é da ordem daquele dar glórias a Deus para além, e não aquém, do circuito das necessidades. Que a terra e o ser humano vivam para a glória de Deus, no caminhar para uma gratuidade que transcende todos os porquês! Nesse horizonte de graça, o dito de Santo Irineu poderia ser assim traduzido: a glória de Deus é o ser humano vivendo apenas por viver.

Por isso, nos extremos de uma teologia que se queira cristã, há que se chegar, não importam os caminhos, àquilo que Filon de Alexandria disse da religião bíblica judaica e que Georges Bernanos repetiu contemporaneamente: tudo é graça! Deus está à nossa procura para nos seduzir, para nos saudar, ou, para dizê-lo na linguagem da tradição, para nos salvar. E

o buscamos porque, antes, pelas teias de sua graça fomos amorosamente emaranhados.

Troeltsch referia-se a Lutero como o gênio da redução, da simplificação. A experiência da torre, na qual Lutero elaborou o seu conceito de justiça passiva, conceito ao qual voltou a vida toda, é o ponto luminoso da redução luterana. Encontrar a face da misericordiosa de Deus era a visceral busca de Lutero. Como fazê-lo? A concepção medieval tardia aconselhava a busca do Deus misericordioso pela via do fazer aquilo que há dentro de si.

A graça vem, a misericórdia se derrama, mas há que buscá-la pelas *coisas que se encontram em si*. Com outras palavras, há que merecê-la. Tal receituário, o jovem monge Lutero tentava meticulosamente cumprir pela via espinhosa da ascese, da penitência, dos serviços menos nobres (ALTMANN, 1994).

Todo esforço do jovem professor não chegava a trazer a sensação de ter sido alcançado pela graça que tanto ansiava. O pêndulo da fé continuava oscilante entre o desespero, oriundo da sensação de não cumprimento, e uma ponta de egoísmo, sintoma de certa vanglória de ser julgado capaz de merecer o olhar divino.

Entre a vanglória e o desespero, a misericórdia tão ansiada transformava-se em ódio. Lutero odiava o Deus da justiça. E o odiava ainda mais pelo dito paulino de que tal justiça se manifesta também no Evangelho. Queria o autor da Carta aos Romanos dizer que a sombria face do Deus justo, pronto a castigar o pecado humano, se espelha também no Evangelho?

Lutero bateu intermitentemente à porta do verso da Carta aos Romanos: *a justiça se manifesta no evangelho*. O que queria Paulo com tal afirmação? Ao relatar tardiamente essa luta, no prefácio latino que escreveu à edição completa dos seus escritos, em 1545, Lutero diz que Deus dele se apiedou; foi quando enfim percebeu o monge agostiniano a ligação entre as expressões: *a justiça de Deus é nele revelada e o justo viverá por fé*.

Aí passei a compreender a justiça de Deus como sendo uma justiça pela qual o justo vive através da dádiva de Deus, ou seja, da fé. Comecei a entender que o sentido é o seguinte: Através do Evangelho é

revelada a justiça de Deus, isto é, a passiva, através da qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: “O justo vive por fé”. Então me senti como que renascido, e entrei pelos portões abertos do próprio paraíso. Aí toda a Escritura me mostrou uma face completamente diferente. Fui passando em revista a Escritura, na medida em que conhecia de memória, e também em outras palavras encontrei as coisas de forma análoga: “Obra de Deus” significa a obra que Deus opera em nós; “virtude de Deus” – pela qual ele nos faz poderosos; “sabedoria de Deus” – pela qual ele nos torna sábios. A mesma coisa vale para “força de Deus”, “salvação de Deus”, “glória de Deus”. Assim como antes eu havia odiado violentamente a frase “justiça de Deus”, com igual intensidade de amor eu agora a estimava como a mais querida. Assim esta passagem de Paulo de fato foi para mim a porta do paraíso (LUTERO, 2003, p. 242-243).

Finalmente o desespero e o orgulho foram vencidos, por meio da rendição à graça por meio da fé. Vale aqui a observação de Walter Altmann (1994), segundo a qual Lutero mesmo, após tal experiência, jamais deixou de ser uma pessoa atribulada. Medos, dúvidas, angústias e fraquezas jamais o deixaram de visitar. Lutero as enfrentava, porém, na lembrança da obra consumada por Cristo em seu favor.

Que Deus seja Deus!

A noção de justificação pela graça por meio da fé é um grito à liberdade de Deus. As teologias bíblicas da criação são o produto de um refinamento do pensamento profético, qual seja, a intuição de que Deus não é um ente da natureza e muito menos ela própria. O mundo não é Deus. A noção de justificação pela graça é a face neotestamentária do poema bíblico da criação.

Pela graça, na fé, Deus se manifesta à consciência humana para dizer que está onde queira estar. Para além da letra, no espírito dela; para além da exterioridade da carne, na interioridade de um coração. Em Lutero, Deus se descola dos lugares que o mundo medieval elegera para sua habitação. Ele está para além dos lugares de poder, ainda que legitimamente constituídos.

Deus é livre e, por graça, na fé, nos chama à liberdade. E nada disso é especulação, antes a experiência de um *pathos* que nos tira da corda do egoísmo nas pontas do orgulho e do desespero. Na graça por meio da fé, livres de tudo e de todos. Nesta mesma graça, por meio do amor, servos de tudo e de todos.

Rubem Alves, sob o horizonte da liberdade de Deus, assim interpretou a expressão *salvação pela graça*:

Salvação pela graça, isto significa: das questões depois da morte Deus já cuidou. Por isto é ocioso gastar pensamento e aflição com discussões sobre a mobília do céu e a temperatura do inferno. Mas sobra tudo o mais que nos ocupar: a preservação da natureza, a arte, a fogueira das armas, para transformá-las em arados e podadeiras; a luta contra os exploradores, a proteção dos oprimidos, o prazer da liturgia, da música, da comunidade, o brinquedo da teologia. A salvação pela graça significa: é inútil e desnecessário nos preocuparmos com o além. O além pertence a Deus, nossos braços não vão até lá. E Deus já resolveu o assunto, em amor. Somos então livres para sermos totalmente deste mundo, fazendo as coisas que a consciência nos comanda (ALVES, 2004, p. 27-28).

E antecipando-se à observação de que nada seria mais oposto ao espírito cristão do que “individualismo” contido na posição acima, o mesmo autor afirmou:

Terei de responder que você tem razão. Mas terei de lhe perguntar, em troca, se existe coisa mais oposta à comunhão que a sociabilidade fácil daqueles que se satisfazem com a conversa ociosa da representação de papéis... Toda palavra genuína deve nascer do silêncio. Não posso crer nas declarações de solidariedade daqueles que não frequentam a solidão de sua própria consciência. Não, o individualismo da Reforma nasce de um profundo respeito pela pessoa, porque cada pessoa é uma “máscara” de Cristo, Cristo se fazendo presente, disfarçado... E assim, quando alguém é desrespeitado, violentado, torturado, quando alguém passa fome e não tem onde morar, é o próprio Cristo que está aí... (ALVES, 2004, p. 28).

Maravilhosa graça

“Maravilhosa graça, maior que o meu pecar, como poder cantá-la? Como hei de começar?” Esta é a primeira linha de um dos mais belos hinos cantados nos arraiais protestantes. Como cantar o favor divino que nos alcança? Como cantar a incessante procura divina por nós?

Como elevar-nos acima dos determinismos biológicos, psíquicos, culturais, econômicos e ser visitados por um quê(m) além de tudo isso, um quê(m) de graça? Somos mais, não menos; estamos além, não aquém, de todos esses determinismos. Que nos seja dito sempre, como um Evangelho: a vida é excesso, é dádiva, é milagre, é graça!

Como poder cantá-la? O louvor é o sopro da graça, refletido no estremecer sonoro das nossas cordas vocais. É resposta, é momento segundo, tanto quanto a teologia especulativa. O louvor é a razão que desceu à ponta da fé onde Deus se manifestou, e não quer explicar nada, quer tão somente expressar. Ela sabe que pode morrer se não abrir canais para o maravilhoso que a toma.

Como poder cantá-la? Cantar depois de Lutero é entoar a graça, mesmo que, como corolário, se afugentem demônios, se instrua o povo, se lancem tintas coloridas sobre o preto e branco da pregação da palavra. Cantar depois de Lutero é responder ao maravilhoso amor de Deus. Rubem Alves percebeu com acuidade que, se o protestantismo tivesse sido mais cantado, menos fogueiras da inquisição teriam existido na história do Ocidente.

Não é por acaso que as visitações angelicais, conforme nos atestam os relatos do nascimento de Jesus no Evangelho de Lucas, foram sempre respondidas com notas musicais: os cânticos de Zacarias, de Maria, de Simeão... A arte é a resposta menos imperfeita à revelação de que Deus se aproximou de nós não para punir e vigiar, mas para dizer: *alegra-te minha filha, eu sou contigo!* As portas do paraíso permaneceram fechadas para Lutero até que a cortina do medo foi rasgada com o anúncio: “eu o aceito como você é e não como você gostaria de ser”.